

# Pesquisa científica: uma abordagem sobre a complementaridade do método qualitativo<sup>1</sup>

Scientific research: an approach to the complementarity of the qualitative method

Investigación científica: un enfoque de la complementariedad del método cualitativo

**Simaria de Jesus Soares** - Universidade Estadual de Montes Claros | Centro de Educação Profissional e Tecnológica | Montes Claros | MG | Brasil. E-mail: simaria.soares@hotmail.com 

**Valter Machado da Fonseca** - Universidade Federal de Viçosa | PPGE-UFV | Viçosa | MG | Brasil. E-mail: pesquisa.fonseca@gmail.com 

**Resumo:** Este artigo aborda que a pesquisa qualitativa caracteriza-se pelo desenvolvimento conceitual, de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo ou interpretativo, com caráter exploratório, subjetivo e espontâneo, por meio dos métodos utilizados, à luz dos referenciais teóricos. A análise documental e de conteúdo colaboram como atribuidores para crítica e seleção de documentos, pelos dados, pelas categorias de análise, para evidenciar o discurso e do tratamento das informações por meio de indicadores que indiquem a inferência do pesquisador e da triangulação das informações, com opinião de outros autores. Utilizou-se como metodologia a análise por meio da revisão de literatura. Os resultados se justificam na afinidade das pesquisas qualitativas e quantitativas e seu uso para explicação de dados e fenômenos sociais.

**Palavras-chave:** Análise documental. Análise de conteúdo. Pesquisa qualitativa. Pesquisa quantitativa.

**Abstract:** This article discusses that the qualitative research is characterized by the conceptual development, of facts, ideas or opinions, and of the inductive or interpretative understanding, with exploratory, subjective and spontaneous character, through the methods used, in the light of theoretical references. Documentary and content analysis collaborate as assigners for critique and selection of documents, by data, by categories of analysis, for discourse disclosure and information treatment by means of indicators that indicate the inference of the researcher and the triangulation of information, with opinion of other authors. The literature review was used as methodology. The results are justified in the affinity of the qualitative and quantitative researches and their use to explain data and social phenomena.

**Keywords:** Documentary analysis. Content analysis. Qualitative research. Quantitative research.

**Resumen:** Este artículo discute que la investigación cualitativa se caracteriza por el desarrollo conceptual, de hechos, ideas u opiniones, y la comprensión inductiva o interpretativa, exploratoria, subjetiva y espontánea, a través de los métodos utilizados, a la luz de los referenciales teóricos. El análisis documental y de contenido colaboran como definidores para crítica y selección de documentos, por los datos, por las categorías de análisis, para evidenciar el discurso y el tratamiento de las informaciones a través de indicadores que indiquen la inferencia del investigador y de la triangulación de las informaciones, con opinión de otros autores. Se utilizó, como metodología, el análisis a través de la revisión de literatura. Los resultados se justifican por la afinidad de las investigaciones cualitativa y cuantitativa y su uso para explicación de datos y fenómenos sociales.

**Palabras clave:** Análisis documental. Análisis de contenido. Investigación cualitativa. Investigación cuantitativa.

---

<sup>1</sup> CAPES. PROSUP.

• Recebido em 27 de agosto de 2018 • Aprovado em 02 de maio 2019 • e-ISSN: 2177-5796

DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2019v21n3p865-881>

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

A pesquisa qualitativa, quase sempre, é avaliada como o tipo de metodologia na qual os conceitos levantados são imensuráveis. De fato, a pesquisa qualitativa se expressa mais pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa. Tais observações também estão no entendimento de Pope e Mays (2005), quando os autores entendem que a pesquisa qualitativa se vincula às vivências e à interpretação compreendida destes fenômenos sociais:

A pesquisa qualitativa [...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (p. 13).

Nesse sentido, confere-se à pesquisa qualitativa, um formato que vai além do que é previsível, mensurável ou informativo. Tal fato possibilita que, em diversas situações, os dados quantitativos sejam analisados e contemplados sob uma ótica qualitativa. Tanto a pesquisa quantitativa quanto a pesquisa qualitativa se erguem sob a abordagem do problema de pesquisa ordenado, visando de forma diferenciada, à verificação das causas que lhe são atribuídas.

Lüdke e André (2014) destacam que, segundo Bodgan e Biklen (1982), para a verificação das informações, há uma preocupação com o olhar participante e comportamental do entrevistado, diferente dos dados lógicos e expresso nas entrevistas e/ou gravações:

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bodgan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (p. 14).

Esta preocupação se torna ainda mais relevante, quando se atenta para outro ponto, não menos importante, levantado por Pope e Mays (2005, p. 14), que se refere ao local de pesquisa, pois “um segundo aspecto distinto da pesquisa qualitativa, e um de seus pontos fortes, é que estuda pessoas em seus ambientes naturais e não em ambientes artificiais ou experimentais”. Assim, ao se estudar, o observado ou entrevistado, em seu ambiente natural, possibilita-se uma análise real dos acontecimentos.

Ao investigar o sujeito, fonte de informações e sua realidade sociopolítica, o pesquisador encontra e permite-se dispor de métodos variados, de meios e caminhos que ampliem sua

investigação. Desta forma, os sujeitos revelam dados e expressam o que eles mostram. Para Minayo (2014, p. 177), “na formulação de uma pesquisa, não é suficiente compreendê-los como operações lógicas e se estão corretamente concatenados. É preciso, além disso, estender o sentido histórico e sociológico de sua definição e das combinações que produzem”.

Nesta perspectiva, Pope e Mays (2005, p. 14) veem o pesquisador como participante de sua análise, imprimindo significado aos elementos quantitativos:

Outro aspecto da pesquisa qualitativa (ênfático por alguns autores) é que ela frequentemente emprega diversos métodos ou adota uma abordagem “por métodos múltiplos”. Observar as pessoas em seu próprio território implica, assim, observar, juntar-se a elas (observação participante), falar com elas (entrevistas, grupos focais e conversas informais) e ler o que elas escreveram.

A postura firme e coerente do pesquisador garante ao seu trabalho, a ínfima neutralidade que se exige da pesquisa científica. Salienta-se que, ao traçar um plano de pesquisa, se o pesquisador não respeita este planejamento, pode se perder em outros desdobramentos provocados pelo problema e que surgem ao longo do caminho. Minayo (2014, p. 195) também enfatiza que o perfil do pesquisador deva ser mais dinâmico, apontando que “a investigação qualitativa requer, como atitudes fundamentais, a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos”.

Ao comportamento do pesquisador estima-se o grau de alcance de sua pesquisa. Ao passo que seja capaz de cruzar elementos quantitativos e qualitativos, interpretando os dados sob sua observação e análise participante, imprimindo em suas apreciações, o reflexo de sua postura crítica, criativa, flexível e investigativa, imbuída de elementos significativos de sua pesquisa.

Para atingir este fim, este trabalho tem como objetivo abordar sobre a pesquisa qualitativa como uma metodologia de pesquisa complementar (e não justaposta) à pesquisa quantitativa.

Nesta intenção, argúi-se sobre o levantamento do problema de pesquisa, que norteia esta atividade: Quais os pontos que justificam a complementaridade das pesquisas qualitativas e quantitativas e sua utilização para explicação de dados e fenômenos sociais? Para Severino (1984, p. 111), “a colocação clara do problema desencadeará a formulação da hipótese geral a ser comprovada no decorrer do raciocínio”.

Apoiando o planejamento e para que haja o delineamento deste estudo, busca-se por meio da revisão de literatura, elucidar os conceitos, pois “estabelecendo e delimitando o tema do

trabalho e formulados o problema e a hipótese, o próximo passo é o levantamento da documentação existente sobre o assunto” (SEVERINO, 1984, p. 113).

Ao fazer a distinção e aproximação das pesquisas qualitativa e quantitativa, no que consiste o levantamento da literatura sobre o tema, credencia-se o estudo e a verificação dos elementos investigados. Assim, concorda Severino (p.116):

O papel dos elementos a serem recolhidos será fundamentalmente o de reforçar, apoiar e justificar as ideias pessoais formuladas pelo autor do trabalho. Estes elementos retirados das várias fontes dão às várias afirmações do autor, além do material sobre o qual trabalha, a garantia de maior objetividade fundada no testemunho e na verificação de outros pensadores.

Neste contexto, firma-se o propósito de se discutir, sob a análise dos teóricos, os conceitos, as características e a relação entre pesquisa qualitativa e quantitativa, considerando a sobreposição ou convergência de finalidades destas metodologias.

Desta forma, estabelece-se por meio desse enfoque um planejamento acerca do material lido, com coleta de anotações e fichamentos do referencial teórico, para se estabelecer uma interlocução com os objetivos e análise do material. Ao comportamento do pesquisador estima-se o grau de alcance de sua pesquisa. Ao passo que seja capaz de cruzar elementos quantitativos e qualitativos, interpretando os dados sob sua observação e análise participante, imprimindo em suas apreciações, o reflexo de sua postura crítica, flexível, criativa e investigativa, imbuída de elementos significativos de sua pesquisa.

Pope e Mays (2005) lecionam que “os métodos qualitativos e quantitativos estão sendo cada vez mais usados juntos para responder a questões de pesquisa” (p. 14). Tal afirmativa defende o propósito que se apresenta neste estudo, do fato de que pesquisas quantitativas e qualitativas são utilizadas concomitantemente para responder de forma complementar, o objeto e problema de pesquisa. “Em vez de as abordagens quantitativas e qualitativas serem vistas como opostos metodológicos, cada uma pode ser vista como complementar à outra” (POPE; MAYS, 2005, p. 15).

Bodgan e Biklen (1982) retratam características da pesquisa qualitativa, que confirmam esta tese, com aspectos relacionados à forma como os dados qualitativos são coletados e da inferência do pesquisador sobre a informação, no qual imprime sua opinião ao texto, assim como, o fato de que a preparação e o tratamento dos dados ao longo do processo são mais significativos que o produto da sua pesquisa. Eles relatam também que o pesquisador produz um olhar mais

indutivo sobre a análise destes dados, o que garante que a interpretação do pesquisador siga a um processo indutivo, de registro das suas impressões sobre os acontecimentos apreciados e o significado resultante da sua análise.

Assim os dados recebem uma nova roupagem, quer sejam observados em seu ambiente natural ou (re)significados de acordo com o entendimento do pesquisador, induzindo suas descobertas a determinados fins. “O universo da atividade humana criadora, afetiva e racional. O universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos que as vivenciam” (MINAYO, 2014, p. 24).

Igualmente, verte-se sobre o caráter da interpretação e das relações sociais vivenciadas pelos sujeitos. Toda pesquisa imbuí-se dos fatos que a norteiam e se expressa pelos caminhos que a constroem, surgindo uma questão iminente, sobre o que, de fato, é o método qualitativo? Para Minayo (2014, p. 57), “O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

Para Casarin e Casarin (2012, p. 33), “independentemente do título e do tema pesquisado, os objetivos de uma pesquisa qualitativa envolvem a descrição de certo fenômeno, caracterizando sua ocorrência e relacionando-o com outros fatores”. Desta forma, relacionam-se também, objeto e contexto, na intenção de se colaborar e em explicar o que se pesquisa. Dessa forma, Minayo (2014, p. 22-23) defende que:

O objeto principal de discussão são as Metodologias de Pesquisa Qualitativa, entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Para inferir sobre o conceito deste método de pesquisa, Casarin e Casarin (2012) estabelecem algumas diretrizes sobre as características da pesquisa qualitativa. Estas características se envergam sobre aspectos que descrevem a pesquisa qualitativa, com o caráter de propriedade a que seus resultados se prontificam. Para Casarin e Casarin (2012):

- A ‘subjetividade’ provoca debates e adota novos significados ao assunto investigado.
- O estímulo à ‘multiplicidade’ de opiniões diversas analisa de ângulos diferentes e esclarecem a realidade.

- A diversidade de ‘interpretação’ relaciona-se à subjetividade e multiplicidade, indicando como a pesquisa é investigada.
- A ‘narração’ tem um caráter discursivo, sugestivo e impositivo, o pesquisador contextualiza e argumenta, inserindo suas convicções para convencimento do leitor.
- Não há estruturação na ‘coleta de dados’, indicando que possa ser fechada ou padronizada.
- E, por fim, para a análise de dados, a interpretação está sujeita ao tipo de dados coletados, tendo “como opção, por exemplo, análise de conteúdo, análise do discurso e métodos hermenêuticos” (p. 36).

Completando as ideias destes autores, Bardin (1977 *apud* Minayo, 2014, p. 300) traz as finalidades da análise do método qualitativo como proposta de investigação social, nestes termos:

- a) a primeira é heurística. Isto é, insere-se no contexto de descoberta a que a pesquisa se propõe.
- b) A segunda é de “administração de provas”, que se realiza por meio do balizamento entre os achados, as hipóteses ou os pressupostos.
- c) A terceira é a de ampliar a compreensão de contextos culturais, ultrapassando-se o nível espontâneo das mensagens.

Assim, a pesquisa qualitativa vai da descoberta à compreensão dos fatos no contexto cultural, pela interpretação dos fatos encontrados, extrapola a quantificação das informações por meio da indução e argumentação e imprime as opiniões do pesquisador.

Dentre os diversos formatos da pesquisa qualitativa, ressaltam “a pesquisa do tipo etnográfico e o estudo de caso” (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 15), o “roteiro de entrevista, roteiro para participante e roteiro para discussão de grupos focais” (MINAYO, 2014, p. 189), “a observação direta, entrevistas, análise de textos ou documentos e de discursos de comportamento gravados (fitas de áudio/vídeo)” (POPE; MAYS, 2005, p. 17).

As entrevistas, segundo Pope e Mays (2005), podem ser estruturadas na medida em que os entrevistadores são treinados e as entrevistas são padronizadas; entrevistas semiestruturadas, conduzidas mais livremente, com questões abertas, dando espaço para divergências ou aprofundamentos; entrevistas em profundidade, ainda menos estruturadas e em maior detalhe no tipo de questionamento.

Pope e Mays (2005) ainda alertam sobre a postura dos entrevistadores, que se esforçam para serem interativos e sensíveis à linguagem do entrevistado, adaptando-se aos horários e disponibilidade dos mesmos. Nesta perspectiva, tendem a ir além do que está sendo discutido naquela lista de questões centrais de temas a serem cobertos, assim, buscam formas de detalhar outras questões ainda não abordadas na pesquisa, baseando-se nos objetivos de estudo.

Patton (1987 *apud* Pope e Mays, 2005, p. 23-24) confirma esta ideia, apontando

[...] que as boas perguntas nas entrevistas qualitativas devem ser abertas, neutras, sensíveis e claras para o entrevistado. Listou seis tipos de questões que podem ser perguntadas: aquelas baseadas no comportamento ou na experiência, na opinião ou no valor, no sentimento, no conhecimento, na experiência sensorial e aquelas sobre detalhes demográficos ou de formação.

Sendo assim, o pesquisador pode estampar em sua entrevista e no decorrer de seu estudo qualitativo, outros apontamentos que acreditar necessários ao tema discutido, fomentando novas discussões e maior mergulho no estudo, agora mais familiarizado. Holstein e Gubrium (1995) apontam a entrevista como dinâmica, uma vez que o entrevistado recebe apoio ativo do entrevistador, coletando informações diretas e se construindo narrativas a partir de suas narrativas.

Patton (1987) revela três táticas para sustentar o controle numa entrevista: “conhecer o objetivo da entrevista, fazer as perguntas certas para obter a informação necessária e oferecer *feedback* verbal e não-verbal adequado” (*apud* POPE; MAYS, 2005, p. 25-26).

Para ajudar na memória das entrevistas qualitativas são previstos diversos registros, tais como anotações imediatas, anotações posteriores e gravações em áudio (POPE; MAYS, 2005, p. 26).

Um melhor resultado se procede quando as investigações se dão em “grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica de atores, de relações e para análises de discursos e documentos” (MINAYO, 2014, p. 57). Desta forma, ao reunir pensamentos de uma pessoa ou grupo(s) [grupos focais], elaboram-se conhecimentos que auxiliarão na proposição e solução aos problemas de pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 2014).

Os grupos focais são lembrados por Pope e Mays (2005) como uma forma de comunicação que favorece a comunicação entre os participantes. Nesse sentido, ao responderem juntos a uma mesma questão, quebra-se o gelo, os entrevistados interagem ente si, divergem, debatem e comentam experiências e pontos de vista. O entrevistador atento e de posse de todos os registros possíveis, pode ressaltar expressões, culturas e normas comuns ao grupo.

Estas observações e registros indicam a sensibilidade do pesquisador e credenciam os “grupos focais uma técnica de coleta de dados particularmente sensível em termos culturais, sendo essa a razão pela qual são tão frequentemente na pesquisa intercultural e no trabalho com minorias étnicas” (POPE; MAYS, 2005, p. 32).

As observações e inferências do entrevistador pesquisador não podem acontecer de forma aleatória ou imprecisa, pois, se houver divergência entre os pesquisadores, a pesquisa perde sua credibilidade, conforme alertam Pope e Mays (2005, p. 95):

Na pesquisa qualitativa, a indexação dos dados e o desenvolvimento de categorias analíticas em geral são desempenhados por um único pesquisador. Entretanto, alguns pesquisadores qualitativos têm prestado atenção à noção de que análises qualitativas podem carregar um peso maior quando são consistentes entre pesquisadores.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa emprega “categorias analíticas para descrever e explicar fenômenos naturais” (POPE; MAYS, 2005, p. 89). Isso possibilita maior coerência e consistência na forma como os dados são obtidos.

Um bom pesquisador se coloca como um instrumento de pesquisa e documenta tudo que observa, sendo que isso transmite a ele maior responsabilidade. Na pesquisa observacional, o pesquisador de qualidade produz descrições detalhadas daquilo que coleta e da análise dos dados. Para Pope e Mays (2005), isso exige bem mais que capacidade de observação, exige “boa memória e um registro claro, detalhado e sistemático” (POPE; MAYS, 2005, p. 46).

A escolha de um tipo de pesquisa não importa na necessidade de exclusão de outrem. Quanto mais se aprofunda na identidade dos dados, mais análises são possibilitadas e mais confrontos com a realidade social dos fatos discutidos. “As pesquisas científicas podem apresentar aspectos qualitativos e quantitativos, sendo que um pode complementar ou subsidiar o outro no momento da análise dos resultados obtidos” (CASARIN; CASARIN, 2012, p. 31).

Pope e Mays (2005, p. 15), concordam com o sentido da similaridade e intenções afins entre estes métodos, pois “a pesquisa qualitativa não é útil apenas como o primeiro estágio da pesquisa quantitativa. Também tem um papel a desempenhar na “validação” da pesquisa quantitativa ou no oferecimento de uma perspectiva diferente sobre os mesmos fenômenos sociais”. Para estes autores, “os *insights* fornecidos pela pesquisa qualitativa ajudam a interpretar ou a compreender mais completamente os dados quantitativos” (POPE; MAYS, 2005, p. 15). Além de a pesquisa qualitativa completar o trabalho quantitativo, ela pode incrementar estudos sociais, não alcançados pela pesquisa quantitativa.

Esclarece Minayo (2014) que, nesta comparação, não há prioridade de um método sobre outro. Cada um “tem seu papel, seu lugar e sua adequação”, sendo que “ambos pode conduzir a resultados importantes sobre a realidade social” (MINAYO, 2014, p. 57). Já para Casarin e

Casarin (2012), na pesquisa qualitativa não há priorização da contagem dos dados e informações, há maior preocupação com a descrição sobre modelos matemáticos e estatísticos e conforme Minayo (2014), “a dialética assume que a qualidade dos fatos e das relações sociais é sua propriedade inerente e que quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes” (p. 25). Sendo assim, para Severino (1984), a interpretação é também apropriação das ideias, é o diálogo com o autor e com sua produção, é explorar a produção e transformá-la em outros desdobramentos.

Em síntese, Minayo (2014, p. 76) indica que a experiência de trabalho com as abordagens qualitativas e quantitativas indica que:

- 1) elas não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto de pesquisa;
- 2) uma investigação de cunho quantitativo pode ensejar questões passíveis de serem respondidas só por meio de estudos qualitativos, trazendo-lhe um acréscimo compreensivo e vice-versa;
- 3) que o arcabouço qualitativo é o que melhor se coaduna a estudos de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos;
- 4) que todo o conhecimento do social (por método quantitativo ou qualitativo) sempre será um recorte, uma redução ou uma aproximação;
- 5) que em lugar de se oporem, os estudos quantitativos e qualitativos, quando feitos em conjunto, promovem uma mais elaborada e completa construção da realidade, ensejando o desenvolvimento de teorias e de novas técnicas cooperativas.

Enfim, apesar de as abordagens qualitativas e quantitativas confluírem ao interesse do estudo e, se completarem em questão de sentido, informação e conhecimento mais elaborados, para contribuir com essa análise outras formas de investigação são necessárias para melhorar o entendimento da peculiaridade de integração entre os métodos de pesquisa. A saber, serão descritas as intenções de análise do material coletado, em forma de análise documental e de conteúdo e da necessidade de seleção e categorização dos dados informados nos documentos pesquisados.

A análise documental inicia quando se decide quais fontes serão utilizadas no trabalho. Sendo assim, os dados contidos nos materiais, ainda não foram tratados como informação são dados crus, considerados matéria prima. Cabe ao pesquisador, analisar os documentos e retirar deles as informações e fazer as inferências sobre o mesmo. Por este motivo, promove-se uma relação de observação e projeção do que pode ser feito a partir da escolha e dos elementos extraídos a partir deles.

Sendo assim, observaram-se quais materiais estavam disponíveis ao acesso e exploração para a pesquisa e se estabeleceu com estes documentos, as possíveis interpretações e análises,

assim como a eleição das categorias para as reflexões a que esse trabalho se propõe. A pesquisa em documentos pode revelar aspectos e gerar diversas categorias de interpretação. Os documentos podem se apresentar em forma escrita, visual ou audiovisual, registradas, por meio de filmes, fotografias, anotações, que possam ser utilizados como recurso de informação sobre o comportamento humano (LÜDKE; ANDRÉ, 2014; CASARIN; CASARIN, 2012; MINAYO, 2014).

A fim de analisar os dados que os documentos encerram, torna-se necessário estabelecer uma sequência de ações planejadas, nas quais se determinam técnicas, procedimentos e fases do planejamento, a fim de organizar os dados, as categorias de análise e extrair as informações, por meio da análise. Para Lüdke e André (2014, p. 45), “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando e informações à luz dos referenciais teóricos obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Isso porque os dados ali guardados ainda não receberam quaisquer tratamentos, sendo consideradas fontes primárias de pesquisa.

Pimentel (2001, p. 180) considera “estudos baseados em documentos como material primordial, sejam revisões bibliográficas, sejam pesquisas historiográficas, extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta”. Isso demonstra que cabe ao investigador extrair diversas informações do documento em questão, no qual se pode inferir sobre o documento e categorizar a sua análise sob uma pluralidade de olhares, ou seja, a observação dos dados quantitativos somadas às análises quantitativas e pela inferência do pesquisador, que tratam os dados e os transforma em informação científica.

Nesses termos, Pimentel (2001, p. 180) destaca que:

[...] trata-se de um processo de garimpagem: se as categorias de análise dependem dos documentos, eles precisam ser encontrados, extraídos das prateleiras, receber um tratamento que, orientado pelo problema proposto pela pesquisa, estabeleça a montagem das peças, como num quebra-cabeça.

Desta forma, a análise do documento torna-se um importante instrumento nas mãos do pesquisador que pode prospectar informações e burilar os seus achados conforme o interesse de sua pesquisa, ao qual se somam os resultados e se encontram novas respostas aos dados que antes poderiam ser chamados de dados primários. A análise documental pode, então, ser definida como “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento

sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referenciação” (BARDIN, 1977, p. 45).

A pesquisa em documentos é assim, por dizer, a extração da informação por trás dos dados, seguida da inferência do pesquisador no tratamento da informação, o que atribui ao estudo um caráter inovador e expressivo da identidade do investigador, capaz de retirar dos documentos, as impressões e sentidos que o mesmo possibilita. Nesse sentido, Bardin (1977, p. 46) afirma que “a análise documental é, portanto, uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou de um banco de dados”. Desta forma, enverga-se sobre os documentos selecionados uma lista de ponderações e possíveis hipóteses para trabalhar sobre o material recolhido.

Faz-se necessário, assim, que o investigador, de posse dos dados retirados dos documentos, se proponha a organizar o material coletado. Para Pimentel (2001, p. 184), “organizar o material significa processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como fichamento, levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio”. De posse destes dados, há enfim, a necessidade de tratá-los, pela interpretação e pela inferência nas informações. Para tanto, ampara-se em outra forma de análise para dar continuidade ao tratamento dos dados, por meio da eleição de categorias de análise, das inferências sobre tais categorias e pela análise de conteúdo.

Por meio da análise de conteúdo, busca-se interpretar os dados, estruturar informações a partir dos dados coletados, elencar as categorias de análise, construir conhecimento a partir dessas categorias e analisar o discurso, informado no material pesquisado. Ao pesquisador cabe a tarefa de criar etapas para esta análise, cujo processo possa servir de interlocução entre a mensagem e o documento, e que surjam desta reflexão, os indicadores para a análise do discurso.

Segundo Franco (2003), a análise de conteúdo tem como base a criticidade e o dinamismo do discurso, interpretados como expressão e representação social, cultural e existencial da linguagem, pensamento e ação de uma sociedade. Os dados dos documentos são interpretados à luz do que acontece na sociedade, ou seja, com base no reflexo sociocultural em que os dados e as informações se instalam.

Sendo assim, “a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica” (FRANCO, 2003, p. 16). Pois, de nada adianta, que se faça apenas uma leitura de dados, torna-se

necessário que as informações dali retiradas sejam carregadas de representações que dialoguem com outros autores e fomentem discussões e aprofundamento dos conhecimentos, características da análise qualitativa. “Uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado” (FRANCO, 2003, p. 16).

Desta forma, a análise de conteúdo deve conversar com os dados dos documentos e concomitantemente, se interpor com os referenciais teóricos, pois a “análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem” (FRANCO, 2003, p. 20). A mensagem subentendida nos documentos exige do pesquisador o olhar indutivo que permite por meio do registro e da interlocução entre o que o documento informa e o significado da mensagem que resulta da sua análise.

Esta mensagem serve de gatilho para os significados presentes no discurso. Uma única mensagem pode trazer embutida uma diversidade de significados, pois pode traduzir os sentimentos do investigador ou de cada indivíduo que a interpreta, analisando itens ou pontos distintos dentro de uma mesma estrutura. Para Bardin (1977, p. 38), “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. As inferências ou deduções elaboradas pelo pesquisador debruçam-se, pois, sobre o rol de elementos de análise até a forma como os conteúdos são selecionados e sobre os quais o investigador versa elementos próprios e de outros autores.

Assim, “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e *objectivos* de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 38). Compreende-se então, que os resultados obtidos por meio da análise devam responder aos objetivos, problemas ou finalidades do discurso e avançar sobre a contextualização das inferências delimitadas pelo sujeito da análise, ou ainda, implícitas no discurso.

Nessa mesma perspectiva, Franco (2003, p. 49) também afirma que:

Da mesma forma que acontece com o conteúdo latente, podem existir temas não explicitamente mencionados, mas subjacentes às mensagens, passíveis de observação por parte do investigador e cuja frequência de ocorrência passa a ser, também, um elemento indispensável para que se possa efetuar uma análise mais consistente e uma interpretação mais significativa.

Para que a interpretação seja mais significativa, o pesquisador deve estabelecer categorias de análise que classifiquem partes do todo, seguindo a uma lógica de organização e pensamento. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (FRANCO, 2003, p. 51). Bardin (1977, p. 30-31) também corrobora com esta ideia ao afirmar que “a análise de conteúdo [...] é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como *objetivo*”. As categorias podem se elencar no início do trabalho, ou surgirem ao longo e no avanço das leituras, de acordo com os objetivos, com os problemas ou hipóteses da pesquisa.

Assim, Franco (2003, p. 54), argumenta que é por meio do conteúdo que vem do discurso uma vez que:

As categorias vão sendo criadas, à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas. Em outras palavras, o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes “falas”, diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo, etc.

Desta forma, os discursos que se manifestam pela análise, são indicativos de que outros discursos possam surgir por meio das inferências do pesquisador. Franco (2003, p. 55) defende que “as categorias iniciais, fragmentadas e extremamente analíticas, passaram a ser indicadoras de categorias mais amplas que, ao serem formuladas, passaram igualmente, a incorporar pressupostos teóricos”, isto é, “compreendeu-se que a característica da análise de conteúdo é a inferência (variáveis de inferência ao nível da mensagem), que as modalidades de inferência se baseiem ou não, em indicadores quantitativos” (BARDIN, 1977, p. 116). A ampliação da discussão, novos debates e novos olhares expressam aprofundamento da análise e parecem inesgotáveis ou sujeitos a novos parâmetros de análise.

Verifica-se, mais uma vez, a necessidade de criar categorias de análise na tentativa de cercar a análise à exaustão de discussão. “A categorização é uma operação de classificação de

elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 1977, p. 117) e “tem como primeiro objectivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 1977, p. 119).

A partir dessas colocações, Bardin (1977, p. 137) também comenta que:

Por outras palavras, a análise de conteúdo constitui um bom instrumento de indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências no texto), embora o inverso, prever os efeitos a partir de *factores* conhecidos, ainda se esteja ao alcance das nossas capacidades.

Importante salientar que, durante todo o processo de categorização, é imprescindível que se conecte e se dialogue com os teóricos relacionados com a investigação, discurso e contexto, para que as bases teóricas deem significado e credibilidade ao estudo, o que possibilita provável relação de sentido e confiança ao estudo.

Analisar aspectos qualitativos não é uma mera atividade. Para sua execução, precisa-se ater com rigor, método e ordem para se atingir o grau de reflexão esperado para os dados coletados. A capacidade, o treinamento e a experiência do pesquisador definirão a análise do trabalho a ser desenvolvida. O entendimento qualitativo é indutivo, interpretativo e argumentativo, o que possibilita ir além do mensurável ou meramente informativo, escapando daquilo que seja previsível. Outra característica marcante deste processo é que além de analisar fenômenos sociais, busca em forma de pesquisa interpretativa, os significados, enfatizando mais intensamente o processo que o produto.

Este significado pode ser atribuído à análise de conteúdo, pois “a análise de conteúdo pode ser uma análise dos “significados” (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos “significantes” (análise léxica, análise dos procedimentos)” (BARDIN, 1977, p. 34). Do pesquisador qualitativo exige-se uma postura firme, seu caráter é dinâmico e se expressa, participante de sua análise. Embora haja um embate entre alguns autores que apontam um paradigma distinto à pesquisa qualitativa contra aqueles que defendem a inexistência da separação entre as filosofias, o que se percebe é que a pesquisa quantitativa pode ser analisada sob a ótica qualitativa e que as pesquisas qualitativas e quantitativas, são comumente utilizadas concomitantemente.

Em suma, pode-se dizer que, ao compararmos as pesquisas, percebe-se que as mesmas são complementares, indicando interação na abordagem de pesquisa; as pesquisas podem fornecer insumos para explicar a outra, dando maior compreensão e reflexão sobre os dados; a pesquisa qualitativa está mais voltada para compreender realidades de grupos sociais, mas ainda assim indicará uma parte do todo, uma amostra aproximada da situação real vivenciada; e, enfim, que ao invés de se justaporem, as pesquisas, juntas, podem traçar um ideário mais completo e aproximado do que é real, o que é positivo ao completo desenvolvimento da pesquisa.

Sendo assim, vê-se presente também, a análise documental que realiza a varredura dos termos em forma de categorias de análise dos documentos, sob a análise de conteúdo que observa o discurso e as inferências sobre esse tipo de mensagem. Sendo que, enquanto a análise documental representa um resumo da informação, sem o tratamento dos dados, a análise de conteúdo, ressalta o tratamento do discurso para que seja evidenciada a inferência sobre os indicadores e não da mensagem (BARDIN, 1977). Mais uma vez se demonstra a complementaridade de dados, análises e informações, na convergência e triangulação das abordagens identificadas para esta análise.

Por fim, a alternativa mais esclarecedora da afinidade existente entre estas vertentes é quando se completam, com a intenção de sistematizar e concatenar ideias, corroborando resultados, a partir da elaboração e da prospecção de documentos, por meio da leitura flutuante, da escolha dos documentos, da formulação das hipóteses e dos objetivos, da elaboração dos indicadores e da preparação do material (BARDIN, 1977). Isso caracteriza o confronto entre a intenção de pesquisa e a realidade da análise documental, no qual ainda se fará a análise de conteúdo segundo as categorias definidas.

## **Conclusões**

Partindo dos apontamentos provocados por este estudo, pode-se concluir que tanto a pesquisa qualitativa quanto a pesquisa quantitativa, necessitam uma da outra. Os métodos não são excludentes e ambas partem de um problema, em busca de solução ou resposta.

No entanto, analisar aspectos qualitativos não é uma mera atividade. Para sua execução, precisa-se ater com rigor, método e ordem para se atingir o grau de reflexão esperado para os dados coletados. A capacidade, o treinamento e a experiência do pesquisador definirão a qualidade da análise e do trabalho desenvolvido.

O entendimento qualitativo é indutivo, interpretativo e argumentativo, o que possibilita ir além do mensurável ou meramente informativo, escapando daquilo que seja previsível. Outra característica marcante deste processo é que além de analisar fenômenos sociais, busca em forma de pesquisa interpretativa, os significados, enfatizando mais intensamente o processo que o produto.

Do pesquisador qualitativo exige-se uma postura firme, seu caráter é dinâmico e se expressa, participante de sua análise. Embora haja um embate entre alguns autores que apontam um paradigma distinto à pesquisa qualitativa contra aqueles que defendem não existir separação entre as metodologias, o que se percebe é que a pesquisa quantitativa pode ser analisada sob a ótica qualitativa e que as pesquisas qualitativas e quantitativas, são comumente utilizadas concomitantemente.

Em suma, pode-se dizer que, ao compararmos as pesquisas qualitativas e quantitativas, percebe-se que as duas são complementares, indicando interação na abordagem de pesquisa; ambas podem fornecer insumos para explicar a outra, dando maior compreensão e reflexão sobre os dados; a pesquisa qualitativa está mais voltada para compreender realidades de grupos sociais, mas ainda assim indicará uma parte do todo, uma amostra aproximada da situação real vivenciada; e enfim, que ao invés de se justaporem, as pesquisas qualitativa e quantitativa, juntas, podem traçar um ideário mais completo e aproximado do que é real, o que é positivo ao completo desenvolvimento da pesquisa. Por fim, a afinidade existente entre estas vertentes, é o que se apresenta pela triangulação de métodos com a intenção de sistematizar e concatenar ideias, corroborando resultados.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BODGAN, R.; BIKLEN, S. K. **Qualitative research for education**. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. **The active interview**. London: Sage, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

SOARES, Simaria de Jesus; FONSECA, Valter Machado da. Pesquisa científica: uma abordagem sobre a complementaridade do método qualitativo.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

PATTON, M. Q. **How to use qualitative methods in evaluation**. London: SAGE, 1987.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov. 2001.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**: diretrizes para o trabalho didático científico na Universidade. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1984.